



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
FACULDADE DE HISTÓRIA

GABRIEL MINDELO VALENTE

**PARENTELA E REDES DE PODER ENTRE O GRÃO-PARÁ E
O IMPÉRIO DO BRASIL NA TRAJETÓRIA DO BARÃO DE
MAMORÉ (c. 1850-1898)**

BELÉM-PA
2025

GABRIEL MINDELO VALENTE

**PARENTELA E REDES DE PODER ENTRE O GRÃO-PARÁ E
O IMPÉRIO DO BRASIL NA TRAJETÓRIA DO BARÃO DE
MAMORÉ (c. 1850-1898)**

Relatório do plano de trabalho de iniciação científica “Parentela e redes de poder entre o Grão-Pará e o Império do Brasil na trajetória do barão de Mamoré (c. 1850-1898)”, desenvolvido entre Setembro de 2023 e Agosto de 2024, com financiamento da Fundação Amazônia de Amparo a Estudos e Pesquisas (FAPESPA), vinculado ao projeto de pesquisa do Prof. Dr. Daniel Souza Barroso, apresentado como Trabalho de Conclusão de Curso à Faculdade de História, Campus Guamá, como requisito para obtenção de grau de Licenciado em História, pela Universidade Federal do Pará.

Orientador(a): Dr. Daniel Souza Barroso.

BELÉM-PA
2025

GABRIEL MINDELO VALENTE

**PARENTELA E REDES DE PODER ENTRE O GRÃO-PARÁ E
O IMPÉRIO DO BRASIL NA TRAJETÓRIA DO BARÃO DE
MAMORÉ (c. 1850-1898)**

Relatório do plano de trabalho de iniciação científica “Parentela e redes de poder entre o Grão-Pará e o Império do Brasil na trajetória do barão de Mamoré (c. 1850-1898)”, desenvolvido entre Setembro de 2023 e Agosto de 2024, com financiamento da Fundação Amazônia de Amparo a Estudos e Pesquisas (FAPESPA), vinculado ao projeto de pesquisa do Prof. Dr. Daniel Souza Barroso, apresentado como Trabalho de Conclusão de Curso à Faculdade de História, Campus Guamá, como requisito para obtenção de grau de Licenciado em História, pela Universidade Federal do Pará.

Orientador(a): Dr. Daniel Souza Barroso.

Data de aprovação: ____/____/____

Conceito:

Banca Examinadora:

Presidente da Banca Examinadora
Dr. Daniel Souza Barroso - EA/UFPA

Membro interno
Dra. Cristina Donza Cancela - FAHIS/UFPA

AGRADECIMENTOS

Escrever o que vem primeiro por último, depois do ponto final das considerações finais e daquela olhada milimétrica na ABNT das referências, pode ser meio complicado, até porque nessa hora o cérebro já nem funciona direito e o olhos provavelmente estão pedindo descanso - isso, pelo menos, para pessoas como eu que gosta de escrever tudo de uma vez -, então pode ser que não dê para escrever tudo que sentimos de maneira justa. Mas eu sou daqueles que odeia fazer finais meia boca e esses agradecimentos selam o fim de uma jornada que parecia infinita, os quatro anos e meio de graduação que acabaram se tornando cinco, e muito, mas muito mesmo, desafiadora.

Primeiro, eu gostaria de agradecer aos meus pais, Kait e Jorge Valente, que mesmo não entendendo quase nada dos meus estudos e do meu trabalho como pesquisador, foram e são meus maiores apoiadores. Digo isso lembrando de todas as vezes que eu ouvia as batidas na porta e minha mãe aparecia me mandando beber uma água, depois meu pai vinha me perguntar se estava tudo bem, falando pra eu levantar e ir jantar. E aqui peço desculpas por na maioria das vezes não escutar, porque sou cabeça dura demais e não consigo levantar da cadeira sem que eu tenha alcançado a meta ou terminado o que estava fazendo. Todo o colo, palavras, carinho e até mesmo as brigas são reconhecidos por mim como atos de duas pessoas que sabem que eu sempre posso dar o melhor do meu melhor. Mãe e pai, sem vocês não existiria essa pesquisa.

Ao meu orientador, professor Daniel Barroso, não canso de dizer que foi a sua confiança desde o início que tornou tudo que conquistamos possível. Ter um orientador que incentiva da melhor maneira, está sempre disponível para tirar uma dúvida, por mais “besta” que seja, e acima de tudo é compreensível, é algo raro dentro da academia. É um prazer enorme para mim ser seu orientando e ter feito essa pesquisa de graduação com o senhor. Mais ainda, é gratificante ter a relação de amizade que temos, algo que não imaginei que fosse possível se ter com alguém “acima” de mim em termos de formação acadêmica, essa foi uma grata surpresa. Agora, vamos rumo a mais dois anos de parceria no mestrado!

Agradeço também ao meu grupo de pesquisa, o RUMA, que desde o início foi a fonte da minha inspiração para começar nesse mundo que é a pesquisa dentro da História da Família. Todas as tardes de discussão, textos em inglês, conceitos complicados e apoio na escrita do projeto de mestrado foram essenciais para que essa pesquisa de iniciação científica se tornasse o que ela é agora. A toda a galera do RUMA: *valeu*.

Meus agradecimentos a Fundação Amazônia de Amparo a Estudos e Pesquisa - FAPESPA, por ter possibilitado essa pesquisa com o apoio financeiro da bolsa de Iniciação Científica, que me ajudou a levar minhas contribuições ao Seminário Internacional de História e Historiografia no Ceará.

Indo para o fim, mas com toda certeza não menos importante, quero agradecer aos meus melhores amigos: Matheus Valente, Jean Santos, Ariadne Lucena, Aliandro Lima, Felipe Paes, Hevellyn Crystina e Yasmin Braga. Todas as vezes que eu surtei foi com eles, todas as vezes que eu dei as melhores risadas sobre as perguntas mirabolantes sobre alguma coisa de História foi com meus queridos membros da “Almirante Barroso”, os puxões de orelha quando eu não confiava em mim, as noites/madrugadas de jogos ou só fazendo qualquer outra coisa, as sessões de RPG, as ligações para fofocar, e, principalmente a confiança deles de que eu sempre iria conseguir, foram uma das coisas mais importantes neste período de estudos e escrita. Obrigado, galera.

Para a minha namorada, Luara Cabral, que chegou quando eu estava na transição entre graduando e formando, que me pegou bem no período da quase loucura e da loucura total com o processo seletivo do mestrado, meus mais genuínos e sinceros obrigado. Obrigado pelas ligações para fazer companhia enquanto eu escrevia/estudava, pelos momentos de escuta sobre as questões da minha pesquisa, pelas puxadas de pé para que eu voltasse a realidade e me acalmasse, pela companhia no almoço depois das aulas, pelo apoio incondicional. Obrigado por todas as palavras de carinho, pelas palavras de incentivo. Obrigado por ser tão companheira e compreensiva, por me permitir sonhar os seus sonhos e por sonhar junto comigo os meus. Tem sido um privilégio compartilhar tudo isso com você. Mais uma vez, obrigado.

Agradeço agora a mim. Por ter persistido. Por ter entendido que tudo passa e que no final tudo acontece como tem que acontecer. Esse é o fim de um ciclo com muitos altos e baixos sim, mas entendo que tudo foi necessário para o que existe hoje ser como é. Agradeço também a todos que fizeram parte desse tempo que se finda, tanto àqueles que permaneceram quanto aqueles que foram apenas passageiros. Agora, é o começo de mais uma longa caminhada. Venha o que tiver que vim.

RESUMO

Ambrósio Leitão da Cunha, barão de Mamoré, foi um importante político paraense, casado com Maria José da Silva, filha do capitão José Joaquim da Silva e de Maurícia Josepha Michaela da Gama Lobo, integrava uma das mais bem sucedidas famílias do Estado paraense, estabelecendo relações com figuras políticas importantes, como José da Gama Malcher e Bernardo de Souza Franco. Utilizando como fonte principal a correspondência passiva de Ambrósio e como secundária o jornal Treze de Maio, analisamos o conteúdo político presente em ambas, tendo como objetivo entender as estratégias de Ambrósio para a consolidação de suas redes de poder, examinando o seu grupo familiar como o meio que garantiu seu protagonismo político, problematizando o papel de sua parentela, considerando que a lógica do parentesco, no interior das famílias de elite, determinava o acesso a recompensas materiais e participação nos processos decisórios (Lewin, 1993: 115). Desse modo, concluímos que a parentela construída pelo barão foi aparelho basilar para o estabelecimento das suas redes de poder, tanto no Grão-Pará, quanto no Império do Brasil, tendo seu concunhado, Bernardo de Souza Franco, como propiciador de sua carreira “nacional” ao abrir portas para cargos importantes mesmo que estivessem em lados políticos diferentes.

Palavras-chave: Barão de Mamoré; Parentela; Política (Séc. XIX).

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	7
2. AMBRÓSIO LEITÃO DA CUNHA, O BARÃO DE MAMORÉ.....	11
3. METODOLOGIA.....	14
4. RESULTADOS.....	17
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	20
REFERÊNCIAS.....	20

1. INTRODUÇÃO

A família, dentro do campo das Ciências Sociais, constitui-se para os estudiosos como uma temática um tanto quanto controversa, pois existem uma gama de formas de organização humana que se enquadram em múltiplos conceitos e definições. Essa questão resultou na forma interdisciplinar dos estudos sobre a família, em que interesses substantivos e teóricos das várias disciplinas que compõem as Ciências Sociais conversam entre si, haja vista que a instituição familiar é de extrema importância para o entendimento, tanto da organização, quanto dos mecanismos de reprodução social das comunidades, dentro, é claro, dos seus diversos contextos espaciais e temporais (Barroso, 2013).

Assim, a História da Família desenvolveu-se dentro de um espaço notadamente interdisciplinar, destacando-se a Demografia Histórica de um lado e a Antropologia Social de outro. A partir do diálogo da História com essas duas disciplinas, determinados objetos de investigação dentro da história da família como o matrimônio, o parentesco e a mobilidade social, podem ser entendidos na sua totalidade. Porém, é importante destacarmos que os caminhos traçados pela História da Família estiveram fundamentalmente ligados, na segunda metade do século XX, ao desenvolvimento da Demografia Histórica, apesar da grande importância conferida à Antropologia Social.

A Demografia Histórica teve suas origens na França, nos anos de 1950, a partir dos trabalhos de Pierre Goubert, Louis Henry e Michel Fleury, pioneiros nos estudos dessa disciplina, com a revisão de postulados então vigentes, o que retirou a produção dos trabalhos pautados na história da família do seu caráter considerado ensaístico (Anderson apud Barroso, 2013), e caracteriza-se como uma corrente da demografia que tem como objetivo a reconstrução de estruturas populacionais a partir de fontes produzidas em âmbito “público”, como as Listas Nominativas de Habitantes e Registros Paroquiais (batismos, casamentos e óbitos), até as de cunho privado, como cartas e diários. Na América Latina, o desenvolvimento da Demografia Histórica se deu de país para país, suas pesquisas e debates não foram realizadas de maneira heterogênea, os estudos produzidos pelos/as pesquisadores/as latino americanos experimentaram um mercado de trocar históricas entre a própria América Latina, Estados Unidos e Europa (Brignoli, 2004). Um grande contingente destes trabalhos configuraram-se como tentativas de reprodução, ao contexto latino-americano, dos métodos, problemas e técnicas advindas das escolas inglesas, francesas e norte-americanas, o que culminava em resultados muitas vezes insatisfatórios nos estudos.

No Brasil, os historiadores da família também estiveram atentos às questões conceituais debatidas nos universos acadêmicos fora de seu território, entretanto, muitos deles adaptaram e

desenvolveram novas metodologias para que se adequassem à documentação e resguardassem as especificidades históricas brasileiras (Teruya, 2000).

Durante a década de 20 a 40, tivemos o surgimento do conceito de “família brasileira”, preocupando-se com sua natureza, estrutura, importância e função na sociedade (Samara apud Barroso, 2013), questões que a clássica obra de Gilberto Freyre (2006), *Casa-Grande e Senzala*, discute. Foi a partir do trabalho de Freyre que o conceito de “família patriarcal” surge para consubstanciar sua tese de que a família extensa e patriarcal serviria como principal alicerce da sociedade colonial brasileira. A nossa organização familiar durante o período colonial, segundo Freyre, seria constituída por um núcleo central (marido, esposa e os filhos legítimos) e por membros adjacentes (parentes, afilhados, expostos, serviçais, amigos, agregados e escravos), essas duas partes interagiriam entre si a partir da mediação do chefe da família, o patriarca.

Nas décadas de 50 e 60, há uma pequena movimentação revisionista nos estudos da família. A atenção agora estava dedicada às especificidades regionais e a análise das transformações da família brasileira, considerando as mudanças e permanências na sua estrutura ao longo do tempo. O papel social da mulher foi reconsiderado e estudado a partir de sua interação com a família e a sociedade, por mais que a concepção de patriarcalismo ainda fosse latente nos estudos. Essas questões podem ser percebidas no ensaio de Antônio Candido (1951), *The Brazilian Family*.

Das décadas de 1970 em diante, a história da família no Brasil foi revisitada e renovada, saindo de uma concepção limitada da família como uma unidade estática - movimento que começa a partir dos anos 60 - para se estudar como um processo ao longo da vida de seus membros, tendo a própria família como objeto de análise. Uma “Nova História da Família” nascia a partir das novas metodologias de estudo (análise serial e quantitativa da documentação) e de temáticas que privilegiavam a chefia feminina, a nupcialidade, a fecundidade e as múltiplas estruturas e organizações familiares que matizaram a própria noção de patriarcalismo (Scott, 2013). Desse modo, os estudos realizados ao longo dessas décadas marcaram a produção historiográfica sobre a história da família no Brasil. A partir de então, tornou-se impensável um sistema familiar único e homogêneo ao longo da história brasileira, não se falava mais em uma única família brasileira, mas *as muitas* famílias brasileiras.

Dentro de um âmbito mais regional, a história da família no Pará organizaria-se em 4 *fases* (Barroso, 2013) caracterizadas por trabalhos que possuíam entre si pontos convergentes o suficiente em para serem agrupados. Pontos como o mesmo contexto de produção, os objetos de investigação privilegiados e escolhidos, a formação acadêmica e intelectual dos/as

autores/as, bem como os aportes teóricos e metodológicos presentes nos seus estudos, podem ser percebidos entre os trabalhos de uma mesma *fase*.

A primeira *fase* teve como eixos principais de análise a economia e a população. Colin MacLachlan (1974), Robin Anderson (1976, 1999), Ruth Burlamaqui (1984), Arlene Kelly (1984, 1988), Ciro Cardoso (1984) e Rosa Acevedo (1985a, 1985b) são os nomes desse primeiro momento da historiografia da família paraense com estudos sobre o estabelecimento de uma economia de base agrícola e escravista no Grão-Pará (século XVII) e sobre as alianças matrimoniais e políticas de população, avançando no conhecimento dessas temáticas na região amazônica.

Os estudos de Cristina Cancela (1997) e Maria Patrícia Ferreira (1999), duas historiadoras amazônicas, - não somente, mas foram os principais - abrem a chamada segunda *fase*, muito influenciadas pela Antropologia, História Social e Nova História Cultural, onde os trabalhos privilegiavam as práticas culturais e as representações sociais da família, apreendidas nos termos da análise do discurso. Neste momento, procedeu não somente à ampliação dos objetos de pesquisa como também o deslocamento das fontes usadas nesses estudos com as fontes de vocação serial cedendo lugar às fontes judiciárias, hemerográficas e biográficas, destacam-se também às entrevistas no caso das pesquisas com recortes temporais mais contemporâneos.

Na década de 2000, os estudos empreendidos por Patrícia Melo Sampaio (2000); Luciana Marinho (2003); Ipojucan Campos (2004, 2009); Vanessa Spinosa (2005); Cristina Cancela (2006); Franciane Lacerda (2006); Luiz Guimarães (2006); Conceição Almeida (2006); Isabel Augusto (2007); Alanna Cardoso (2008); Andréa Pastana (2008), Elane Gomes (2009) e Benedito Barbosa (2009), colocaram a família e a população novamente em voga na historiografia paraense. Essa terceira *fase* focalizavam os deslocamentos, as hierarquias sociais e as dimensões socioculturais, materiais e familiares do domicílio, buscando tanto revisitare temas já consagrados, como também inovar ao tentarem incorporar novos objetos de pesquisa, exemplo disso seria à posse de cativos, à população escravizada e ao tráfico de africanos na dinâmica populacional da Amazônia no século XVIII.

A quarta e última *fase* estaria intrinsecamente associada à criação, em 2010, do grupo de pesquisa: População, Família e Migração na Amazônia da UFPA, que veio a atender uma antiga necessidade de sistematização das pesquisas produzidas sobre a história das formas familiares e a demografia histórica no Pará. Os trabalhos vinculados a esse grupo enfatizam as migrações, dinâmicas populacionais, redes de sociabilidade, epidemias, religiosidades, transformações de riquezas e questões de gênero, abrangendo uma grande área de atuação desde

os estudos populacionais mais clássicos aos mais atuais, trazendo discussões importante sobre períodos mais afastados com as famílias escravas e relações familiares na Amazônia colonial, mas também botando em foco a população LGBTQIA+ e a História das Mulheres em nas pesquisas produzidas dentro do grupo.

Mais do que a simples constatação do notório processo de ampliação do aumento da produção acadêmica no campo da História da Família, o que pretendi demonstrar foi o quão diversas são formas de se estudar a família em uma perspectiva histórica. Os últimos 30 anos propiciaram novas abordagens, metodologias e fontes a serem usadas para a compreensão dessa instituição que é quase universal em todas as sociedades. Esses “novos” trabalhos têm contribuído para expor a complexidade das organizações familiares em torno das relações que envolvem seus integrantes, sendo capazes de nos fazer penetrar tanto no campo das disputas e conflitos, quanto nas lógicas de solidariedade e apoio entre os membros de uma família.

Portanto, é dentro desse campo extenso, multiforme e diversificado que este trabalho se situa. Ao eleger como objeto de análise a trajetória de um dos membros de uma família de elite da segunda metade do século XIX que possuía influência, política e econômica, na província do Grão-Pará, não produzimos um trabalho de caráter inteiramente biográfico, mas um que nos permite perceber padrões comportamentais, estratégias e ações que a princípio poderiam parecer isoladas, mas que nos possibilita a compreensão de uma parte da população - nesse caso a elite - no que tange o uso de sua parentela na consolidação de redes de influência e de poder sobre a sociedade. Usa-se o jogo de escalas (Revel, 1998), saindo do micro (a parentela do barão) para o macro (elite paraense), para entender ações de um grupo a partir das de um indivíduo.

Para além das evoluções teóricas e de conhecimento acerca do campo da História da Família, também obteve-se avanços dentro do estudo da formação familiar do barão de Mamoré bem como as ocupações que teve, os cargos políticos assumidos e as ligações e relações construídas dentro do âmbito da elite paraense como da elite política imperial a partir da construção de sua parentela e de laços espirituais. Essas informações foram obtidas a partir de Registros Paroquiais e das correspondências recebidas pelo barão de Mamoré, fontes primárias deste trabalho.

O objetivo geral desta pesquisa é problematizar o papel e a função da parentela nas estratégias do barão de Mamoré para consolidar suas redes de poder no Grão-Pará. Já os objetivos específicos são 1) Compreender a formação da parentela do barão de Mamoré, por meio das alianças matrimoniais e das relações de compadrio e 2) Observar a relação familiar e

política do barão de Mamoré com seu concunhado, o visconde de Souza Franco, importante político do Império do Brasil.

2. AMBRÓSIO LEITÃO DA CUNHA, O BARÃO DE MAMORÉ.

Ambrósio Leitão da Cunha, mais tarde conhecido pelo seu título como barão de Mamoré nasceu em 21 de agosto de 1825, em Belém, filho do major e cavaleiro da Casa Real Gaspar Leitão da Cunha e de Maria Antônia da Fonseca e Cunha, ambos de origem de famílias portuguesas que se fixaram na capitania do Grão-Pará na segunda metade do século XVIII.

Ambrósio iniciou seus estudos na Faculdade de Direito de Olinda, mas pouco tempo depois transferiu-se para São Paulo onde concluiu o bacharelato em Ciências Sociais e Jurídicas em 1845. Essas instituições de ensino superior, segundo José Murilo de Carvalho (2008), eram um *locus* importante de socialização das elites, ainda mais por se tratar de um espaço extremamente limitado, tendo em vista que a educação superior era algo concentrado nas classes mais altas da sociedade e principalmente para aqueles que moravam no “centro” do Brasil, ou seja, para aqueles que residiam em províncias mais afastadas, o ato de enviar seus filhos para estudarem nessas instituições requeria boas condições financeiras. Ao concluir seus estudos, Ambrósio passava a integrar uma nova categoria da sociedade, agora para além de membro de uma família com origens no militarismo - seu pai foi major do 2º regimento da 1ª linha (Acevedo Marin, 1985) -, também passou a constituir um seleto grupo de pessoas que poderiam adentrar a elite política imperial, o qual teve sucesso em fazê-lo.

Em 27 de abril de 1847, Ambrósio Leitão da Cunha, aos 22 anos, contraiu em matrimônio Maria José da Silva, viúva de Luiz Francisco Colares e com 8 anos a mais que seu noivo, filha de José Joaquim da Silva e Maurícia Josefa da Gama Lobo, passou a integrar uma das mais bem sucedidas famílias da província paraense e, mediante a isso, também criou laços com outras figuras importantes da elite provincial como José da Gama Malcher e Bernardo de Souza Franco, futuro visconde de Souza Franco, que eram casados com as irmãs de sua esposa, pertencendo, nas palavras do visconde em carta enviada ao concunhado, à “família dominadora” do Grão-Pará. O matrimônio de Ambrósio e Maria José teve, como testemunhas, José Malcher e Archibald Campbell, um rico negociante escocês estabelecido em Belém, que viria a consolidar suas relações com a parentela do barão a partir do casamento de seus filhos, Ambrose e James, com Luíza Amélia Colares - segunda filha do primeiro casamento de Maria José - e Ambrosina Leitão da Cunha, respectivamente (Acevedo Marin, 1985).

Dois anos após seu casamento com Maria José, o irmão da mesma, José Joaquim da Gama e Silva contraiu casamento com Laura Joaquina Ribeiro Figueiredo, filha do coronel

Joaquim Manuel de Oliveira Figueiredo e de Laura de Miranda Ribeiro e Figueiredo (Cúria..., L. I: 51). A família Figueiredo já possuía ligações com a rede familiar examinada, pois no ano anterior, Joaquim Manuel havia testemunhado o casamento de João Diogo Clemente Malcher, filho do antigo “presidente cabano” Félix Antônio Clemente Malcher e primo de José Malcher, que também testemunhou o enlace, caracterizando-se assim um laço prévio, de caráter espiritual.

No início de 1850, seria vez de subir ao altar o irmão mais novo dos Gama e Silva. José Luiz casou-se com sua prima de terceiro grau Josefa Florência de Castro Martins, filha de José Joaquim Rodrigues Martins e Maria Emília de Castro Martins. Esse matrimônio conectava a rede de Ambrósio aos Rodrigues Martins e aos Castro. A primeira, uma família tradicional da elite do Pará, detentora de terras e de muitos escravizados desde o século XVIII (Acevedo Marin, 1985); a segunda, uma família de destaque na praça mercantil, especialmente com o comércio da borracha (Cancela, 2006).

Daniel Barroso (2012) ao analisar as práticas matrimoniais da família Gama e Silva, tendo um olhar para além dos consórcios dos cinco filhos de José Joaquim da Silva e Maurícia Gama Lobo, compreende que o processo de formação da rede de famílias e, principalmente, de uma *clientela*, engloba não só o matrimônio como também os vínculos de parentesco espiritual, que ajudavam a fortalecer as próprias alianças proporcionadas pelos casamentos. Portanto, em 20 de outubro de 1849, a parentela de Ambrósio se reuniu na pia batismal para o batismo de duas crianças: Josefina e Mância, filhas de José Malcher e Anna Cândida e Ambrósio e Maria José, respectivamente. A filha do barão teve como padrinho e madrinha Pedro Leitão da Cunha, irmão de Ambrósio, e Tereza de Jesus, esposa de Souza Franco (Cúria..., L. IV: 43v-44).

Em 25 de novembro de 1854, Ambrósio dessa vez foi padrinho do filho de José Malcher e Anna Cândida, cujo batismo se deu na Igreja da Nossa Senhora de Nazaré. José Cândido da Gama Malcher veio a ser um dos principais maestros da Amazônia e teve como madrinha a Virgem de Nazaré (Cúria..., L. VI: 37). Esses acontecimentos foram cruciais para o fortalecimento dos laços internos da parentela e a ampliação das redes de influência do barão.

Na sua trajetória, Ambrósio obteve várias ocupações em cargos administrativos e políticos, principalmente a partir de 1847, que não por coincidência foi o ano de seu casamento com Maria José da Silva. O então futuro barão de Mamoré foi juiz municipal dos termos de Muaná e Ourém (1847); nomeado vice-presidente, em quarto lugar, da província do Grão-Pará (1848) e em primeiro lugar (1858); juiz de direito da comarca de Marajó (1856); chefe de polícia da província (1857 e 1862); presidente do Imperial Instituto Pernambucano de Agricultura (1860); presidente das províncias: Pará (1858) Paraíba (1859-1860), Pernambuco (1860-1861),

Maranhão (1864-1865, 1868-1869) São Pedro do Rio Grande do Sul (1866), a qual recusou, e Bahia (1866-1867); deputado provincial do Pará (1848-1852); deputado geral pelo Amazonas nas 8ª e 9ª legislaturas e pelo Pará nas 11ª, 12ª e 13ª; senador pela província do Amazonas (1870-1889); e, por fim, Ministro dos Negócios do Império do Brasil.

Ambrósio também recebeu diversas honrarias do Imperador D. Pedro II através de decretos: foi agraciado como cavaleiro fidalgo da Casa Imperial (1851); cavaleiro da Ordem de Cristo (1855) e posteriormente comendador (1860); comendador da Ordem da Rosa (1868); veador da Casa Imperial (1880) e Gentil-homem da Imperial Câmara (1886). Seus três filhos, José Maria Leitão da Cunha, Ambrósio Leitão da Cunha Filho e Pedro da Gama Leitão da Cunha também receberam o foro de cavaleira fidalgo em 1869. Estas honrarias demonstram a importância do barão, e conseqüentemente da sua família, e dos seus feitos para o Império do Brasil e seu imperador.

Ambrósio foi nomeado barão com grandeza de Mamoré - primeiro e único - pelo Imperador D. Pedro II em 1883 após a tentativa de construção de duas estradas de ferro, a de Bragança, no Pará, e a de Madeira-Mamoré, no Amazonas, ambas sem grande sucesso, mas que foram o suficiente para que ganhasse o título. Apoiado na influência no Pará que sua amizade com Siqueira Mendes lhe proporcionava, além do respaldo profissional de seus filhos e genros, envolveu-se não só na construção das estradas citadas, mas também na instalação de um Engenho Central pela Sociedade Açucareira do Grão-Pará (Acevedo Marin, 1985).

Durante os anos de 1860, os conservadores praticamente consolidaram a hegemonia política no Grão-Pará, sob a liderança do cônego Siqueira Mendes. Entre 1858 e 1880, apenas um liberal presidiu a Assembleia Legislativa Provincial: João Maria de Moraes, de 1865 a 1867. Em todo o mais, a casa foi comandada por conservadores (Santos, 2023). Como consequência disso, e também do processo de gradual adoecimento de Bernardo de Souza Franco (“Bernardo...”, 1875: 1), Ambrósio parece ter assumido um papel cada vez mais destacado no funcionamento das redes de poder da parentela na província, mas, ao chegar no centro de poder do Império com seu cargo de Ministro dos Negócios, é possível que José Malcher tenha vindo a se tornar o novo “protagonista” das relações de parentela dentro da província do Grão-Pará (Barroso, 2024).

Por meio dessas informações, podemos analisar que Ambrósio Leitão da Cunha passou a integrar uma das mais influentes parentelas da província do Grão-Pará oitocentista, a partir das sucessivas alianças matrimoniais com diferentes partes da elite paraense, que possuíam desde influências políticas à influências econômicas. O casamento foi, para a formação da

parentela do barão, um importante e decisivo instrumento de manutenção do seu *status* e, conseqüentemente, da base para a construção da sua influência política no Grão-Pará.

3. METODOLOGIA

A História como ciência é um campo vasto e enriquecedor que emprega diversas metodologias para compreender e interpretar não apenas os eventos passados, mas ainda as nuances desses acontecimentos no presente, afinal a história não está atrelada somente ao que “já existiu”. A História é mais do que uma análise do passado, mas uma ponte para que se possa compreender o presente a partir das ações humanas no tempo e no espaço. O tempo é uma dimensão constituinte da historiografia, indispensável para a compreensão do objeto de estudo escolhido (Bloch, 2001).

A observação histórica de March Bloch (2001), pensador da 1ª fase da Escola dos *Annales*, trouxe para o trabalho de historiador um novo viés de análise de fontes históricas, rompendo com a concepção positivista de uma história factual, onde a fonte era dada como “pura” e as informações contidas nela eram a “verdade” dos fatos ocorridos. Ao postular que, para se fazer uma análise realmente proveitosa das fontes escolhidas, deveria-se lê-las com um olhar crítico, questionador, problematizando o conteúdo presente nelas, várias possibilidades de pesquisa poderiam ser formadas a partir de um único tipo de documento histórico. Uma carta de amor poderia servir para entender sobre as relações afetivas entre determinado grupo social de um determinado período, mas também poderia servir para debater sobre os papéis de gênero de uma sociedade, tudo dependeria da pergunta feita ao documento.

Ainda mais, a 1ª fase da Escola dos *Annales* expandiu a possibilidade de fontes a serem usadas para a escrita de um trabalho historiográfico, pois dentro da escola positivista apenas documentos oficiais eram considerados apropriados para a análise do historiador, qualquer outro que tivesse origem fora das mãos do Estado não seria considerado. Dessa maneira cartas, jornais, pinturas, artefatos arqueológicos, relatos de testemunhas oculares, livros, artigos, ensaios escritos por historiadores/as e pesquisadores/as, registros pessoais, fotografias, enfim, uma diversa gama de objetos podem ser considerados fontes históricas e utilizadas como documentos.

Os vestígios mais antigos de escrita são do século IV a.C., da região da baixa Mesopotâmia e foram um marco para a história da humanidade. A primeira escrita surgiu em forma de ideogramas, que representavam o que sabemos hoje serem palavras, passando a adquirir valores fonéticos. Através da miscigenação dos povos e a imposição do latim durante

o Império Romano, houve o surgimento de outras línguas como o Italiano, o Francês, o Espanhol, o Catalão, o Galego, o Português, o Romeno.

Os meios de comunicação acompanharam a evolução da escrita, surgindo assim a carta e a correspondência, a primeira sendo uma mensagem escrita enviada a uma pessoa pública ou privada e a segunda como toda forma de comunicação escrita, ativa (enviada) ou passiva (recebida) por pessoas físicas ou jurídicas, podendo ser ofício, circular, memorando, carta, cartão-postal, telegramas, entre outros (Nagel, 1989). Segundo Teresa Malation (2009):

A partir do século XVIII, as cartas adquiriram papel cada vez mais relevante para a expressão de sentimentos, emoções e experiências. O hábito da correspondência tornou-se mais difundido, alcançou diversas camadas sociais e constituiu-se em prática cultural bastante apreciada tanto na Europa como na América (Malation, 2009, p. 196).

Essa prática intensifica-se no Brasil durante o século XIX com o crescimento do número de imigrantes no território nacional, pois as cartas eram a única forma de contato que eles poderiam ter com aqueles que permaneceram nos seus países de origem (Salomon, 2010). Ademais, esse era o único meio de comunicação à distância desde a invenção da escrita que possibilitava a troca de informações entre pessoas, mesmo as que residiam dentro do mesmo território.

O processo de utilização das cartas como fontes por meio de profissionais como historiadores, sociólogos e antropólogos, que tratam a correspondência como documento, fonte de informação repleta de informações culturais, políticas e sociais, permitiu o acesso informacional a ações que articulavam os pontos de vista pessoais com acontecimentos políticos e sociais relacionados ao período histórico em que foram produzidas.

Portanto, a pesquisa utilizou como fonte principal a correspondência passiva de Ambrósio Leitão da Cunha, ou seja, todo tipo de documentos escritos recebidos por ele - em sua maioria eram cartas - que está disponível *online* no Acervo Digital do Museu Imperial do Rio de Janeiro na sessão da Coleção Barão de Mamoré, analisando o conteúdo político presente nas mesmas e relacionando as posições daqueles que se correspondiam com ele. Compreendendo seus limites enquanto fontes históricas, também entendemos sua importância como fonte singular de pesquisa, a partir das suas potencialidades no sentido de atribuir significados a ações que poderiam parecer isoladas, assim como no de realçar o papel da parentela nas redes de poder analisadas na trajetória de Ambrósio Leitão da Cunha e sua família, principalmente pelos remetentes que recorrentemente se comunicavam com o barão.

Ao todo foram catalogadas 283 correspondências existentes na coleção, organizadas no documento produzido por ordem alfabética de remetente e também por data. Todas as

correspondências possuem descrição de seu conteúdo e os remetentes - os possíveis - possuem identificação acerca de cargo, ocupação ou/e carreira pública. Os assuntos presentes nesta documentação são variados, desde a convites para “Te Dum”, condolências por perda de algum parente ou informações sobre viagens de férias, até pautas políticas sobre eleições, pedidos de cargos maiores ou da manutenção dos mesmos, e denúncias acerca de ações feitas por terceiros que desfavoreciam - ou poderiam vir a - o remetente e seu destinatário.

Embora trabalhar com correspondência pessoal possa parecer uma tarefa simples, tivemos o cuidado de entender que, por se tratar de uma fonte documental de origem de arquivos pessoais, deve ser levado em consideração que a produção destes documentos não tinha como objetivo ser exposto para outra pessoa além de seu destinatário. É importante estar atento que não é possível sabermos o que “realmente aconteceu” a partir de um registro, pois o que está escrito no papel é uma “ilusão bibliográfica”. As cartas - correspondência no geral - são produtos da ótica daquele que escreve, de suas impressões, estão imersas no campo da subjetividade e precisam ser analisadas levando em conta que o autor escreve o que viu ou ouviu (Gomes, 2004). Portanto, não tomamos o registrado como “verdade”, mas uma visão que, relacionada com outros tipos documentais, pode ser complementada.

Tendo essas questões em vista, também lançamos mão de fontes jornalísticas com o uso do jornal *Treze de Maio* (1840-1862) para analisar os processos eleitorais nos quais Ambrósio esteve envolvido. Analisamos seu conteúdo a partir do proposto por Luca (2006), identificando os colaboradores das colunas jornalísticas e buscando o público alvo para o qual o periódico se destinava. O que se percebe é a total ligação deste jornal ao poder do Império brasileiro e da administração do Grão-Pará, estando alinhado com o governo da província, eram constantes os bons comentários sobre os governantes e as decisões tomadas pelo Governo Central.

O periódico encontra-se disponível no *online* na Hemeroteca Digital Brasileira de forma gratuita. Por permitir a procura a partir de palavras-chaves definidas, o *site* nos possibilitou uma pesquisa mais rápida e assertiva nos assuntos que diziam respeito aos processos eleitorais de Ambrósio, e também sobre as notícias que mencionavam seu nome ou de algum membro de sua parentela.

Para Bassanezi (2009), os registros de eventos vitais - nascimento/batismo, casamento e óbito - permitem destrinchar o passado brasileiro não somente partindo de uma perspectiva demográfica, como as estruturas e dinâmicas populacionais, mas também sociocultural pautada nas relações de poder e sociais, práticas e mentalidades. Por tanto, os Registros Paroquiais, em um período que não se havia o Civil pois a Igreja e o Estado não eram separadas, formam um rol de dados importantes para os estudos populacionais na era cristã moderna, pois eles

arrolavam todos os registros vitais de um indivíduo, por exemplo em um registro de casamento encontram-se os dados dos cônjuges, dos pais, das testemunhas (nomes, filiação, idade, naturalidade, residência, profissão) e outros dados adicionais dependendo das especificidades do casamento.

Por ser membro do grupo de pesquisa *RUMA: População, Família e Migração na Amazônia*, tive acesso ao banco de dados onde estão presentes os Registros Paroquiais da Cúria Metropolitana de Belém, tornando viável o processo de *reconstituição familiar*, através do método onomástico (Ginzburg, 1989), do Barão de Mamoré, o que permitiu visualizar as conexões estabelecidas por ele através das informações contidas nos registros de casamentos e batismos, adentrando mais diretamente nas origens da formação de sua parentela e suas ramificações.

Ainda na investigação da formação de sua parentela, tivemos as contribuições de diversos trabalhos que já catalogaram algumas das alianças matrimoniais e de compadrio estabelecidas pela família de Maria José - esposa de Ambrósio -, acionamos o conceito de estratégia (Kok, 2007) com o objetivo de entender as ações feitas para a manutenção da posição social na sociedade paraense, tanto pela família de origem de Ambrósio quanto os Gama e Silva. Compreendemos com isso que essas questões se enquadram justamente dentro de um *habitus*, que de acordo com Bourdieu (1972) é produzido a partir de experiências acumuladas no curso de uma trajetória individual que dialoga, às vezes de maneira inconsciente, com as “normas” da sociedade. O *habitus* é então concebido como um sistema de esquemas individuais, socialmente constituído de disposições estruturadas (no social) e estruturantes (nas mentes), adquirido nas e pelas experiências práticas (em condições sociais específicas de existência), constantemente orientado para funções e ações do agir cotidiano.

4. RESULTADOS

Segundo Linda Lewin (1993) a lógica do parentesco, no interior das famílias de elite, determinava o acesso a recompensas materiais, status social e, especialmente, participação nos processos decisórios, e essa elite tradicional ou “a alta sociedade paraense” para Rosa Marin (1985) era constituída pelas famílias: *Leitão da Cunha*, Malcher, Costa e Marques, Danin, Corrêa, Gama Abreu, Barata, Chermont, Brício, La Roque, Pombo, Rodrigues Martins, Costa e Marques, e que mantiveram os seus *status* de classe a partir de casamentos entre si e das quais o barão de Mamoré mantinha relações de parentesco - sanguíneo e espiritual - em consequência do seu nascimento e matrimônio com Maria José da Silva.

A partir da análise das fontes e com o apoio da bibliografia especializada da temática abordada por essa pesquisa, pudemos perceber como a parentela construída por Ambrósio Leitão da Cunha foi aparelho basilar para o estabelecimento das suas redes de poder, tanto no Grão-Pará, quanto no Império do Brasil. O sucesso de seu concunhado, Bernardo de Souza Franco, em sua carreira “nacional”, pavimentou o seu caminho e o de outros membros de sua rede familiar, abrindo portas para cargos importantes mesmo que estivessem em lados diferentes. Política e família configuravam-se como duas instituições indissociáveis durante a metade do século XIX (Lewin, 1993), sendo esta última por vezes até mesmo ultrapassando os limites e interferindo de maneira direta na primeira, fato que podemos constatar nas cartas que Souza Franco enviou para Ambrósio durante as eleições para presidente da província do Grão-Pará em 1858:

Este vapor leva-lhe a notícia da nomeação do novo presidente do Pará, que é o major de engenheiros Manuel Frias de Vasconcellos; preponderou a consideração de não expor o mano às controvérsias que resultam de ser filho daí [Pará] e membro da família dominadora [grifo original]. Não preciso dizer-lhe que procurei desfazer estes receios e que se você entender que outra presidência [de província] lhe convém, hei de aproveitar as boas disposições que há a seu respeito (Museu Imperial, 1858).

Ambrósio era membro representante do Partido Conservador paraense e liderava uma importante facção dentro do mesmo, além de ser amigo e aliado do próprio chefe do partido, o cônego Siqueira Mendes; se olharmos apenas para essas informações de maneira isolada, tomaríamos como premissa que Ambrósio e Souza Franco, este por ser membro do Partido Liberal, estariam em lados opostos e não se envolveriam um com o outro, porém com o enxerto da carta citada acima, além de percebermos como se enxergavam enquanto família, o interesse de Bernardo em privilegiar seu concunhado ao invés de um membro do seu próprio partido para a nomeação como presidente de província é claro, afinal, eles eram membros de uma mesma parentela, e o sucesso de um refletiria no todo. A sugestão de Souza Franco foi acolhida. Em outra carta, essa datada de 6 de abril de 1859, Ambrósio seria comunicado, pelo concunhado, de sua nomeação à presidência da província da Paraíba:

Nada a suprehender a noticia q lhe leva este vapor de estar nomeado Presidência a Parahiba: ha nomeação honroza, e q só pode [?] da ideia de q tenha q [?] afasta-lo do Pará. A V. cabe decidir se lhe convem tentar a nova carreira q lhe abrem e pra qual esta muito habilitado: então somente deva a seu mano pedir q [?] o lugar de Chefe de Policia do Pará ate sua resposta; porque não ha negocio enquanto se de [?] que o seu principal [?] esta na grandeza de sua familia. Seja qual for sua decizão estarei sempre pronto para o auxiliar (Museu Imperial, 1859).

Não é por acaso as palavras “grandeza” e “família” se façam presente novamente na escrita do visconde de Souza Franco, mesmo que neste momento seja propício inferir que não

seja para algo positivo, pois, apesar das limitações da carta, é possível que Souza Franco esteja dizendo para Ambrósio que sua reputação não pode estar sendo vista pelos outros como algo que foi construído em cima da prosperidade da família da qual faz parte - apesar de ser uma colocação até mesmo contraditória. Mais uma vez os seus laços familiares se sobressaem em detrimento dos seus campos de atuação político na preocupação do visconde em manter a boa imagem do concunhado.

Ao fazer esta pesquisa em documentos “privados”, nossa intenção é esmiuçar e evidenciar as redes de solidariedade, bem como os mecanismos de manutenção da influência de um grupo pertencente a uma elite¹ na sociedade imperial. Para além disso, também acabamos por adentrar no universo de uma elite política (Carvalho, 2003) que estabelece conexões desde a sua formação acadêmica nas faculdades de Coimbra ou Olinda. Neste certame, podemos identificar através das correspondências as redes de apoio em eleições, como a exemplo da nomeação do conselheiro Fausto Augusto Aguiar para deputado da província do Amazonas, onde a sua candidatura foi apoiada pela maioria do grêmio - o Partido Conservador. Fausto concorreu junto com Ambrósio (este sendo nomeado ao Senado) para a legislatura da província.

Com isso queremos lançar luz sobre uma nova perspectiva de relações entre família e política no século XIX, demonstrando como as dimensões local, regional e “nacional” são indissociáveis para compreender a atuação de um agente político do Império. Ao buscar evidenciar as estratégias do barão de Mamoré ao utilizar de sua parentela para a consolidação de suas redes de poder no Grão-Pará e no Império, assim como acompanhar a sua ascensão política tanto em nível provincial quanto “nacional”, evidenciamos os limites entre o que são as elites provinciais e o que é a elite política do Império e explica porque ser de uma não implica necessariamente fazer parte da outra - mesmo estando inserido no universo político e administrativo de uma província considerada central para o Império.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Examinando a parentela de Ambrósio Leitão da Cunha, compreendemos a mesma como um dos mecanismos fundamentais para a consolidação das suas redes de poder e o ponta pé para a construção da sua carreira, tanto em nível provincial quanto “nacional”. Assim, a província do Grão-Pará esteve articulada com Ambrósio, Souza Franco e outros políticos paraenses que possuíam uma projeção dentro das discussões políticas do Império.

¹ Para Flávio Heinz (2006) o termo elite não tem nenhuma implicação teórica particular, mas diz respeito à percepção social que diferentes atores possuem acerca das condições desiguais de cada indivíduo ou grupo, seriam pessoas que ocupavam posições chave em uma sociedade, que dispõem de poderes, influências e privilégios acessíveis a uma minoria.

Ao casar-se com Maria José da Silva, Ambrósio adentrou mais ainda no universo da elite paraense, onde não só o seu, mas os casamentos dos irmãos e irmãs de sua esposa, expandiram suas possibilidades de influência a partir também do estabelecimento das relações de compadrio e laços espirituais com outras famílias e indivíduos importantes dentro da província.

Nesse sentido, é possível observarmos como essas estratégias, tanto no entorno da sua inserção na família dos Gama e Silva, foram engendradas dentro de um *habitus* de elite, corroborando a reprodução da estrutura vigente e de seus signos de distinção social. Para a parentela que se formava, o casamento representou, antes de qualquer coisa, um decisivo instrumento de reprodução social, ou seja, de manutenção do seu *status* e de sua influência que corrobora diretamente na construção das redes de poder (Bourdieu, 1972).

Mesmo estando em lados políticos opostos, Souza Franco buscou privilegiar o seu concunhado, usando da sua importância em nível “nacional” como um facilitador para as conquistas de Ambrósio, mesmo que tentasse manter suas ações as mais sutis possíveis quando não o indicou em uma ocasião para a presidência da província do Pará, por serem “membro da família dominante”, mas não falhou em colocá-lo em outro cargo de presidência, no caso da Paraíba. O sucesso de um andava lado a lado com o sucesso de outro. Melhorar sua posição social, também acabava por melhorar o status do resto de sua parentela, possibilitando assim a ampliação da mesma.

REFERÊNCIAS

ACEVEDO MARIN, Rosa Elizabeth. **Du travail esclave au travail libre: le Para (Brésil) sous le régime colonial et sous l'Empire (XVII-XIX siècles)**. These de Doctorat de Troisième Cycle, École des Hautes Études en Sciences Sociales, Paris, France, 1985A.

_____. Alianças matrimoniais na alta sociedade paraense no século XIX. **Estudos Econômicos**, São Paulo, n. 15 (especial), 1985B, p. 153-167.

ALMEIDA, Conceição Maria Rocha de Almeida. **O Termo Insultuoso: ofensas verbais, história e sensibilidades na Belém do Grão-Pará (1850-1900)**. Dissertação (Mestrado em História) – Instituto de Filosofia e Ciência Humanas, Universidade Federal do Pará, Belém, 2006.

ANDERSON, Michael. **Approaches for the History of the Western Family, 1500-1914**. Cambridge: Cambridge University Press, 2001.

ANDERSON, Robin L. **Following Curupira: colonization and migration in Pará, 1758 to 1930**. As a study in a settlement of the Humid Tropic, PhD Dissertation, University of California at Davis, Davis, United States of America, 1976.

_____. **Colonization as exploitation in the Amazon Rainforest, 1758-1911.** Florida, University Press of Florida, 1999.

AUGUSTO, Isabel Teresa Creão. **Entre o ter e o querer: domicílio e vida material em Santa Maria de Belém do Grão-Pará (1808-1830).** Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Campinas, 2007.

BARBOSA, Benedito Carlos. **Em outras margens do Atlântico: tráfico negreiro para o Estado do Maranhão e Grão-Pará (1707-1750).** Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal do Pará, Belém, 2009.

BARROSO, Daniel Souza. **Casamento e compadrio em Belém nos meados do Oitocentos.** Dissertação (Mestrado em História) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Pará, Belém, 2012.

_____. **A historiografia das formas familiares e o desenvolvimento da demografia histórica no estado do Pará, Brasil (1970-2012).** In: X Congresso da Associação de Demografia Histórica - ADEH. Abalcate, 2013.

_____. **O cativo à sombra: estrutura da posse de cativos e família escrava no Grão-Pará (1810-1888).** Tese (Doutorado em História Econômica) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017.

_____. “Filho daí e membro da família dominadora”: parentela e redes de poder entre o Grão-Pará e o Império do Brasil na trajetória do Visconde de Souza Franco (c.1841-1875). **Revista Brasileira de História**, v. 44, n. 97, 2024, p. 1-21.

BATISTA, Luciana Marinho. **Muito Além dos Seringais: Elites, Fortunas e Hierarquia no Grão-Pará, c. 1850-1870.** Dissertação (Mestrado em História Social). Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2004.

BERNARDO de Souza Franco. **O Santo Ofício**, Belém, 17 mai. 1875, p. 1-2.

BERTRAND, Michel. De la familia a la red de sociabilidad. **Revista Mexicana de Sociología**, Ciudad de México, v. 61, n. 2, abr.-jun. 1999, p. 107-135.

BLOCH, Marc. **A Apologia da História: ou o Ofício do Historiador.** Tradução André Telles. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

BOURDIEU, Pierre. Les stratégies matrimoniales dans le système de reproduction. **Annales: Économies, Sociétés, Civilisations**, Paris, n. 4-5, 1972, p. 1105-1127.

BRAUDEL, Fernand. **Civilização material, economia e capitalismo: Séculos XV-XVIII – As estruturas do cotidiano.** São Paulo: Martins Fontes, 1995.

BRIGNOLI, Héctor Pérez. **Los caracteres originales de la demografía histórica latinoamericana**, Actas del I Congreso Latinoamericano de Población, Ouro Preto, Universidade Estadual de Campinas.

BURLAMAQUI, Ruth. **Transformações demográficas numa economia extrativa, Pará (1872-1920).** Dissertação (Mestrado em História) – Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Paraná. Curitiba, 1984.

CAMPOS, Ipojucan Dias. **Casamento, divórcio e meretrício em Belém no final do século XIX (1890-1900)**. Dissertação (Mestrado em História) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2004.

_____. **Para além da tradição: casamentos, famílias e relações conjugais em Belém nas décadas iniciais do século XX (1916-1940)**, Tese (Doutorado em História) –, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2009

CANCELA, Cristina Donza. **Adoráveis e Dissimuladas: as relações amorosas e sexuais das mulheres das camadas populares de Belém, 1890-1910**. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1997.

_____. **Casamento e relações familiares na economia da borracha (Belém, 1870-1920)**. Tese (Doutorado em História Econômica) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.

CANDIDO, Antonio. The Brazilian Family. In: SMITH, T. Lynn; MARCHANT, Alexander (eds). **Brazil: Portrait of Half a Continent**. Nova York: The Dryden Press, 1951, p. 291-312.

CARDOSO, Alanna Souto. **Apontamentos para História da Família e Demografia História na Capitania do Pará (1750-1790)**. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal do Pará, Belém, 2008.

CARDOSO, Ciro F. **Economia e sociedade em áreas coloniais periféricas: Guiana Francesa e Pará, 1750-1817**. Rio de Janeiro: Edição Graal, 1984.

CARVALHO, José Murilo de. **A construção da ordem: a elite política imperial. Teatro das sombras: a política imperial**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

_____. **A construção nacional: 1830-1889**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2012.

CASEY, James. **História da Família**. São Paulo: Editora Ática, 1992 [1989].

CÚRIA Metropolitana de Belém (CMB). **Livro I de Registros de Casamento do Curato da Sé de Belém**, p. 51.

CÚRIA Metropolitana de Belém (CMB). **Livro VI de Registros de Batismo do Curato da Sé de Belém**, p. 37.

CÚRIA Metropolitana de Belém (CMB). **Livro IV de Registros de Batismo do Curato da Sé de Belém**, p. 43(v)-44.

DOLHNIKOFF, Mirian. **O pacto imperial: origens do federalismo no Brasil**. Rio de Janeiro: Globo, 2005.

FAORO, Raymundo. **Os donos do poder: formação do patronato político brasileiro**. São Paulo: Companhia das Letras, 2021 [1958].

FERREIRA, Maria Patrícia. **Violência e sexualidade: um estudo sobre as relações conjugais de pessoas pobres em Belém nas décadas de 1960 e 1970**. Monografia de Especialização *Lato Sensu*, Universidade Federal do Pará, Belém, 1999.

FREYRE, Gilberto. **Casa-Grande e Senzala**. São Paulo: Global Editora, 2006.

GOMES, Ângela de Castro (org). **Escrita de si, escrita da história**. Rio de Janeiro: FGV, 2004.

GOMES, Elane Cristina. **Vida Material: entre casas e objetos, Belém 1920-1945**. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal do Pará, Belém, 2009.

GOUVÊA, Maria de Fátima da Silva. **O Império das províncias: Rio de Janeiro, 1822-1889**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.

GRAHAM, Richard. **Clientelismo e política no Brasil do século XIX**. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 1999.

GUIMARÃES, Luiz Antonio Valente. **As casas & as coisas: um estudo sobre vida material e domesticidade nas moradias de Belém – 1800-1850**. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal do Pará, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Belém, 2006.

_____. **De chegadas e partidas: migrações portuguesas no Pará (1800-1850)**. Tese (Doutorado em História) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Pará. Belém, 2016.

GINZBURG, Carlo. O nome e o como: Troca desigual e o mercado historiográfico. *In*: GINZBURG, Carlo. **A micro-história e outros ensaios**. Tradução António Narino. Rio de Janeiro: Memória e Sociedade, 1989, p. 169-178.

HEINZ, Flávio (org.). **Por outra história das elites**. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2006.

KELLY-NORMAND, Arlene. **Family, Church, and Crown: a social and demographic history of the lower Xingu valley and the municipality of Gurupá, 1623-1889**. PhD. Dissertation, University of Florida, Gainesville, United States of America, 1984.

KELLY-NORMAND, Arlene. Africanos na Amazônia cem anos antes da Abolição. **Cadernos do IFCH**, 17, 1988, p. 01-21.

LEWIN, Linda. **Política e parentela na Paraíba: um estudo de caso da oligarquia de base familiar**. Rio de Janeiro: Record, 1993.

MACLACHLAN, Colin M. African slave trade and economic development in Amazonia, 1700-1800. *In*: TOPLIN, R. B. (ed.). **Slavery and race relations in Latin America**. Westport, CT, Greenwood Press, 1974, p. 112-145.

MALATION, Teresa. Narrador, registro e arquivo. *In*: PINSKY, Carla Bassanezi; LUCA, Regina de. (orgs). **O historiador e suas fontes**. São Paulo: Contexto, p. 195-222, 2009.

MARTIN-FUGIER, Anne. Os ritos da vida privada burguesa. *In*: PERROT, Michelle (Org.). **História da Vida Privada**, v. 4: da Revolução Francesa à Primeira Guerra. São Paulo: Companhia das Letras, 2009 [1987], p. 176-245.

MARTINS, Henrique. **Lista geral dos Bachareis e Doutores que têm obtido o respectivo grau na Faculdade de Direito do Recife: desde sua fundação em Olinda, no anno de 1828, até o anno de 1831**. Recife: Typ. Diario da Manhã, 1931.

MATTOS, Ilmar Rohloff de. **O tempo Saquarema: a formação do Estado Imperial**. 7ed. São Paulo: HUCITEC, 2021.

MELLO, Evaldo Cabral de. **O Norte Agrário e o Império: 1871-1889**. 2ed. Rio de Janeiro: TopBooks, 1999.

MUAZE, Mariana de Aguiar Ferreira. **As memórias da viscondessa: família e poder no Brasil Império**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2008.

MUSEU IMPERIAL. **Coleção Barão de Mamoré**. SOUZA FRANCO, Bernardo de. [Correspondência]. Destinatário: Ambrósio Leitão da Cunha. Rio de Janeiro, 5 nov. 1858. Manuscrito.

MUSEU IMPERIAL. **Coleção Barão de Mamoré**. SOUZA FRANCO, Bernardo de. [Correspondência]. Destinatário: Ambrósio Leitão da Cunha. Rio de Janeiro, 6 abr. 1859. Manuscrito.

NAGEL, Rolf. **Dicionário de Termos Arquivísticos: Subsídios para uma terminologia arquivística brasileira**. Salvador: UFBA, 1989.

PASTANA, Andréa da Silva. **Em nome de Deus, amém! Mulheres, escravos, famílias e heranças através dos testamentos em Belém do Grão-Pará (1800-1850)**. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal do Pará, Belém, 2008.

REVEL, Jacques. “Microanálise e construção do social”. *In*: REVEL, Jacques (org.). **Jogos de escalas. A experiência da microanálise**. Rio de Janeiro: FVG, 1998.

RICCI, Magda Maria de Oliveira. Cabanagem, cidadania e identidade revolucionária: o problema do patriotismo na Amazônia entre 1835 e 1840. **Tempo**, Niterói, v. 11, n. 22, p. 5-30, jan.-jun. 2007.

SALOMON, Marlon. **Arquivologia das correspondências**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.

SAMPAIO, Patrícia Melo. **Espelhos partidos: etnia, legislação e desigualdade na Colônia. Sertões do Grão-Pará, c.1755-c.1823**. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, Brasil, 2000.

SANTOS, Roberg Januário dos. **Do Grão-Pará à Amazônia: a invenção da região amazônica frente à centralização do Império brasileiro**. Tese (Doutorado em História) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Pará. Belém, 2023.

SCOTT, Ana Silvia Volpi. A historiografia do Cambridge Group: contribuições ao estudo da população, da família e do grupo doméstico. **Revista Estudos Amazônicos**, v. IX, p. 1-31, 2013.

SPINOSA, Vanessa. **Pela navalha: cotidiano, moradia e intimidade (Belém, 1930)**. Dissertação (Mestrado em História) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo, 2005.

TERUYA, Marisa Tayra. A família na historiografia brasileira. Bases e perspectivas teóricas. *In*: Encontro Nacional de Estudos Populacionais, 12., out. 2000, Caxambú. **Anais [...]**. Caxambú, [S.I.], [s.n.], 2000.

VIAZZO, Pier Paolo; LYNCH, Katherine. Anthropology, Family History, and the Concept of Strategy. **International Review of Social History**, Cambridge, 47, p. 423-452, 2002.

KOK, Jan. Principles and Prospects of the Life Course Paradigm. **Annales de Démographie Historique**, Paris, v. 113, n. 1, p. 203-230, 2007.

LACERDA, Franciane Gama. **Migrantes cearenses no Pará**: faces da sobrevivência (1889-1916). Tese (Doutorado em História) – Universidade de São Paulo. São Paulo, 2006.